



## 1. Um Novo Olhar sobre o Cangaço

---

Luiz Bernardo Pericás

Luiz Bernardo Pericás confessa ser um apaixonado pelo cangaço. Quando assistiu ao filme de Glauber Rocha, Deus e o diabo na terra do sol, ainda garoto, experimentou amor à primeira vista. Paixão essa consumada agora com o lançamento do seu livro Os Cangaceiros, já considerado como uma referência sobre a temática.

Em entrevista exclusiva aos Cadernos do Tempo Presente, o professor Pericás fala sobre sua formação, pesquisas e de Os Cangaceiros que, segundo ele, reflete sobre as relações entre coronelismo e política, cangaceiros e banditismo no Nordeste. Fruto de meticulosa pesquisa e contribuições de entrevistas com outros autores da área, a obra mal chegou às prateleiras e já é um sucesso entre leitores interessados em interpretações sobre o Nordeste brasileiro, ao tratar da complexidade deste fenômeno social em todas as suas particularidades.

**Cadernos GET:** Vamos começar com algumas informações de ordem biográfica. Conte-nos um pouco sobre a sua formação.

**Prof. Pericás:** Nasci no Rio de Janeiro e morei em Brasília, Lisboa, Copenhague, Washington, São Paulo, Cidade do México, Austin (Texas) e Camberra, na Austrália. Sou formado em História pela George Washington University, doutor em História Econômica pela USP, pós-doutorado em Ciência Política pela FLACSO (México), onde fui professor convidado. Fui também Visiting Scholar na University of Texas at Austin e Visiting Fellow na Australian National University em Camberra. Ao longo dos anos, publiquei artigos em revistas e jornais no Brasil e no exterior, e organizei, traduzi e prefaciei livros de diversos autores, como Jack London, John Reed, James Petras, Edward Said, A. Alvarez, Christopher Hitchens, Slavoj Zizek e José Carlos Mariátegui. Sou atualmente membro do Conselho Consultivo da Cátedra José Carlos Mariátegui, no Peru. Tenho vários livros publicados, entre os quais, Che Guevara and the Economic Debate in Cuba (Nova Iorque, Atropos Press, 2009), que também foi traduzido para o espanhol e que será lançado ainda este ano na Argentina; Mystery Train (São Paulo, Brasiliense, 2007); e Os cangaceiros: ensaio de interpretação



histórica (São Paulo, Boitempo, 2010). Fui pesquisador do CBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos/USP) e da Fundap (projeto Memória Paulista), São Paulo e professor-pesquisador da FLACSO (Facultad Latino-Americana de Ciencias Sociales), sede acadêmica do Brasil.

**Cadernos GET:** O seu livro *Os Cangaceiros* rapidamente foi indicado como referência obrigatória sobre o tema e tem recebido críticas muito positivas. Como explicar isto?

**Prof. Pericás:** Creio que a seriedade da pesquisa, a forma como estruturei o livro e minha interpretação do cangaço são alguns dos motivos pelo êxito da obra entre a crítica e o público em geral. Uma parte importante do trabalho do historiador é saber fazer as perguntas certas, e creio que consegui responder a vários questionamentos e indagações ao longo do processo de pesquisa. Alguns anos atrás decidi ler com mais cuidado o que havia sido escrito sobre o tema e percebi que havia grandes possibilidades de ir além, de tentar avançar nos estudos sobre o cangaceirismo. Notei que havia uma grande diversidade de teorias e interpretações, muitas vezes conflitantes, contraditórias, assim como trabalhos que estavam longe de representar verdadeiros “estudos”, trabalhos de maior fôlego e profundidade. Boa parte das obras era de caráter biográfico, em geral, textos narrativos sobre a vida de Lampião. Mas estudos com um escopo temporal mais dilatado, incorporando cangaceiros de outras épocas e que discutissem questões de fundo sobre o assunto eram poucos e nem sempre bons. Várias obras de teor mais “analítico” também me pareciam datadas, excessivamente influenciadas por traços ideológicos da época em que foram escritas e relativamente pobres em termos de pesquisa. A impressão que tive é que certos autores já tinham a resposta antes de escreverem seus livros, e tentavam moldar os fatos às suas propostas, ou seja, colocavam os fatos dentro de uma “camisa-de-força” teórica, para justificar seus posicionamentos políticos. Por isso, achei que valia a pena tentar dar uma nova contribuição nesta área. Minha intenção não foi, em nenhum momento, ser polêmico, mas apenas lançar luz a novas variáveis e enfatizar alguns aspectos do cangaço que por vezes foram negligenciados ou, pelo menos, pouco explorados por outros autores. Ou seja, eu quis, na prática, abrir a possibilidade para novos debates e discussões sobre o assunto.

Há dezenas de livros sobre o cangaço. Desde Gustavo Barroso e Xavier de Oliveira, passando por Ranulfo Prata, Érico de Almeida, Optato Gueiros, Rodrigues de Carvalho e Abelardo Montenegro até chegar a autores como Maria Isaura Pereira de Queiroz e Frederico Bezerra



Maciel (entre muitos outros), vários estudiosos do banditismo rural nordestino tentaram entender o cangaço a partir de diferentes vertentes político-ideológicas e variadas perspectivas historiográficas. Muitas obras são de qualidade duvidosa, algumas delas com linguagem bastante preconceituosa e com escasso caráter científico. É possível encontrar livros bastante tendenciosos, alguns escritos na época em que o cangaço grassava, carregando nas tintas os atos dos bandoleiros e usando muitas vezes os argumentos das forças da legalidade para apoiar uma dura repressão àqueles bandos. Também houve, por outro lado, autores que tentaram transformar os cangaceiros em “heróis” populares, quase Robin Hoods sertanejos, em grande medida, baseados mais em lendas e “causos” do que em fatos concretos, claramente distorcendo a realidade. Mas há obras sérias, profundas, sofisticadas sobre o assunto. Frederico Pernambucano de Mello escreveu um dos mais sérios livros sobre o tema, *Guerreiros do sol*, hoje já considerado um clássico sobre o cangaceirismo. Recentemente ele lançou *Estrelas de couro*, a estética do cangaço, uma obra também excelente. Os brasilianistas Billy Jaynes Chandler e Linda Lewin, por seu lado, deram importantes contribuições nesta área. No campo acadêmico brasileiro, temos um trabalho publicado alguns anos atrás, do antropólogo Jorge Mattar Villela, *O povo em armas*, muito útil para pesquisadores. E, finalmente, no meio jornalístico, Melchíades Rocha, que realizou um trabalho de campo bem interessante, uma grande reportagem, logo após o assassinato de Lampião, que foi publicada em forma de livro com o título *Bandoleiros das catingas*, e, em anos recentes, uma “reportagem-histórica” também interessante, escrita pelo jornalista Moacir Assunção, *Os homens que mataram o facínora*, que vale a pena ser mencionada.

**Cadernos GET:** O que o levou a se interessar pelo cangaço?

**Prof. Pericás:** Desde meus tempos de garoto me interesse pelo tema, mas, como a maioria dos brasileiros, o que eu conhecia eram versões ficcionalizadas ou romantizadas do cangaço. Talvez a primeira experiência que me marcou profundamente em relação ao assunto foi *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Na verdade, assisti a uma grande quantidade de filmes sobre o tema, como *O cangaceiro*, de Lima Barreto, *Memória do cangaço*, de Paulo Gil Soares e Thomas Farkas, *Corisco, o diabo loiro*, de Carlos Coimbra, *Baile perfumado*, de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, *Corisco e Dadá*, de Rosemberg Cariry, entre tantos outros. E li bastante sobre o banditismo rural nordestino, desde obras acadêmicas até cordéis. Por outro lado, eu gostava muito dos quadrinhos do Jô Oliveira, o que deve ter me influenciado de



alguma maneira também. Com o passar do tempo, tudo isso foi aguçando meu interesse sobre o cangaço.

**Cadernos GET:** Como se deu o processo de pesquisa e escrita desta obra?

**Prof. Pericás:** Li uma grande quantidade de livros sobre o cangaço e temas correlatos, conversei com pesquisadores e estudiosos do banditismo rural nordestino, viajei pelo agreste e sertão de vários estados da região, consultei revistas, jornais e documentos, e passei um ano como Visiting Scholar na Universidade do Texas, em Austin (capital daquele estado), que possui uma das maiores bibliotecas dos Estados Unidos sobre temas latino-americanos, a Benson Library. Boa parte do livro foi escrita naquele local.

Um novo olhar sobre o cangaço. Entrevista com Luiz Bernardo Pericás

**Cadernos GET:** Você entrou numa seara que tradicionalmente foi dominada por pesquisadores do Nordeste. Quais as reações a isto? Há desinteresse de pesquisadores do Sul e Sudeste por temáticas como o cangaço?

**Prof. Pericás:** Na verdade há pesquisadores do cangaço no Sudeste e até mesmo em outros países. O número de estudiosos nordestinos, por certo, é significativo, mas há diversos autores que são (ou foram) do Sudeste ou que estão (ou estavam) radicados na região. Entre eles, Amaury Correa de Araújo, Christina Matta Machado, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Jorge Mattar Villela, Melchíades Rocha e Moacir Assunção, só para citar alguns poucos. E há, como comentei antes, estrangeiros que estudaram o assunto (e que vivem no exterior), como Linda Lewin, Billy Jaynes Chandler, Élise Jasmin, Gregg Narber. Mas, de fato, os nordestinos são maioria. De qualquer forma, conversando com leitores e pesquisadores do Nordeste e viajando para a região, tenho sentido uma calorosa recepção do livro por lá. Ouvi muitos comentários favoráveis recentemente.

**Cadernos GET:** Os cangaceiros mantinham relações um tanto complexas com coronéis de estados como Sergipe, Paraíba, Bahia, Alagoas, Ceará e Pernambuco. Qual a influência dos coronéis no cangaço e quais os usos que eles efetivamente poderiam fazer dos cangaceiros? Além disso, no decorrer de sua obra você demonstra o quão tênue era a relação estabelecida entre os cangaceiros e as populações sertanejas. Quais os principais aspectos que contribuíram



para tornar esta relação tão complexa? E, afinal de contas, para você, quem foram os cangaceiros?

**Prof. Pericás:** O cangaço é um fenômeno social complexo, e seria interessante aqui fazer alguns comentários sobre a estrutura dos bandos, suas ações e intenções, sua relação com os potentados rurais e com a massa da população sertaneja. É certo que boa parte dos bandos, a “arraia miúda”, o rank and file dos bandoleiros, tinha origem popular. Mas é bom lembrar que aqueles grupos tinham estrutura hierárquica, nos quais as lideranças, por vezes, eram de estratos mais altos da sociedade sertaneja e davam a tônica da atuação do grupo. Esses “chefes” de grupos não tinham nenhum objetivo de mudar a situação social da região, nem de se aliar às camadas mais pobres do sertão nordestino. Alguns líderes do cangaço eram “coronéis” (ou filhos destes), descendentes de membros da Guarda Nacional e de latifundiários, e aliados de parte da elite local (mesmo que fossem inimigos de “outros” políticos e fazendeiros). Eles viam a massa anônima do cangaço, aqueles indivíduos sem grande expressão nos grupos, como seus “empregados”. E estes, consideravam as lideranças como “patrões”. Houve muitas diferentes motivações (que poderiam variar de indivíduo para indivíduo) para o ingresso no cangaço, mas é possível que nenhuma destas tivesse como objetivo lutar por câmbios “revolucionários”. Nunca houve qualquer intenção de mudança social por parte dos cangaceiros. Só no cinema e literatura, ou seja, em obras de ficção. Obras, em geral, produzidas a posteriori, e utilizando o cangaceiro como símbolo de luta política, como metáfora da insurreição do homem do povo contra o regime vigente. Na verdade, os cangaceiros praticavam crimes hediondos, repetidamente. Seus crimes, em geral, não eram circunstanciais. Ou seja, o cangaço acabava se tornando um meio de vida, no qual, por anos seguidos, indivíduos cometiam crimes como torturas, sequestros, estupros, roubos e assassinatos. E cometiam essas atrocidades indistintamente, tanto contra alguns “coronéis”, como também contra policiais e contra o próprio “povo” pobre local. Há muitos relatos de torturas e assassinatos cometidos por Lampião, Zé Baiano e outros contra “trabalhadores”, “cassacos”, “agricultores”, gente comum do povo, sem nenhuma piedade ou remorso. Não havia, portanto, identidade de classe entre os cangaceiros e a população mais pobre. Na prática, Lampião preferia se relacionar com “coronéis” e “políticos” (em geral, gente poderosa, conservadora e até mesmo “reacionária”), do que com o “povo” sertanejo. Afinal, vários “coronéis” davam proteção, abrigo e auxílio aos cangaceiros, e muitas vezes lhes forneciam armas e munição. Talvez o caso mais emblemático em relação a Lampião, por exemplo, foi sua aliança com Floro Bartolomeu e o Padre Cícero para lutar como “capitão” de



um Batalhão Patriótico contra a Coluna Prestes. Em outras palavras, Virgulino Ferreira estava junto do que havia de mais retrógrado, conservador e reacionário na época, o “coronelismo” e a Igreja. E para lutar ao lado governo Artur Bernardes, ou seja, do lado do establishment, da legalidade, justamente contra Luiz Carlos Prestes e seus homens. Ele, na prática, estava sendo arregimentado para combater quem representava, de fato, a oposição e a rebeldia contra o sistema vigente. Naquela ocasião, Lampião não teve intenção de combater o Estado nacional ou as injustiças do sertão. Outro caso sintomático da relação do “rei” dos cangaceiros com setores da classe dominante rural nordestina foi a estreita amizade de Virgulino Ferreira com o então capitão e médico militar Eronildes de Carvalho (filho do “coronel” e latifundiário Antônio Carvalho). Vale lembrar que Eronildes mais tarde se tornaria governador de Sergipe e, como tal, criaria dificuldades para a ação da polícia no interior do estado, com intuito de proteger o bandoleiro. Há uma foto emblemática de Lampião, na fazenda Jaramataia, naquele mesmo estado, tirada pelo próprio Eronildes, em 27 de novembro de 1929, em que o “rei” dos cangaceiros está fazendo uma pose, usando botas militares presenteadas pelo futuro governador. A amizade deles é bem conhecida e significativa.

É bom lembrar também das tropas volantes, que eram, em grande medida, mal preparadas e mal treinadas. Recebiam pagamentos irrisórios, ou, como se diz, salários de fome. Seus soldados, em boa parte, eram homens da mesma região e da mesma origem étnica e social dos cangaceiros. Ou seja, gente da mesma “massa e encarnadura”, como disse, certa vez, um conhecido comentarista do tema. Se um jovem cometia algum crime contra outra família e entrava no cangaço, era muito provável que algum parente daquele atacado ou assassinado ingressasse nas volantes para perseguir e punir seu rival. E vice-versa. Há casos de cangaceiros que abandonaram o cangaço e se tornaram policiais, assim como soldados das volantes que largaram a polícia e se fizeram bandoleiros. A situação, ali, era relativamente fluida quando se tratava especificamente da atuação de cangaceiros e volantes. As tropas volantes, de fato, podiam ser tão ou mais violentas que os cangaceiros, agindo com extrema agressividade e arbitrariedade, e isso quiçá fizesse com que parte da sociedade sertaneja se voltasse para os bandoleiros como símbolos da luta contra as autoridades. Por outro lado, os cangaceiros eram tão violentos que a população, em geral, tinha pavor deles. Várias vezes ocorria que, ao ouvir o boate da aproximação de cangaceiros em algum lugarejo, os moradores locais saíam correndo em disparada, desesperados. A maior parte da população sertaneja, na verdade, não se tornou nem parte das volantes, nem integrante de bandos de cangaceiros. Em realidade, o “povo” ficava num “fogo cruzado” entre esses dois grupos. A



população era de “trabalhadores”, e em geral, não tinha interesse em ingressar no banditismo ou na polícia, a não ser que tivesse de se proteger dentro de uma dessas “organizações” ou que as utilizasse como meio de vingança contra entreveros, normalmente, familiares.

**Cadernos GET:** Em 2007, você publicou um livro chamado *Mystery Train*, uma obra que mergulha na geografia e na cultura dos Estados Unidos. De onde surgiu a ideia para um trabalho deste tipo?

**Prof. Pericás:** Os autores que mais me inspiraram, neste caso, foram Jack Kerouac e Jack London, especialmente seus *On the Road* e *The Road*, respectivamente. São memórias de viagens “reconstruídas”, com tratamento literário. Gosto muito do gênero de narrativas de viagem, desde Henry Miller e *The Air-conditioned Nightmare* até Thor Heyerdahl, com o empolgante (e por vezes criticado) *The Kon-tiki Expedition*. Vale aqui mencionar também os quadrinhos, especialmente o *Corto Maltese*, de Hugo Pratt. Eu já havia escrito um livrinho memorialístico antes, bem curto, *Um andarilho das Américas*, sobre minhas viagens de mochila por vários países do continente americano, de navio cargueiro, em trens, em carrocerias de caminhões, pegando caronas. Mais tarde, entusiasmado com algumas obras dos autores já mencionados, e querendo conhecer melhor os Estados Unidos (onde eu já havia morado por alguns anos), cruzei o país inteiro de trem, de Nova Iorque até a Califórnia, ida e volta, vendo paisagens, conversando com as pessoas, frequentando espeluncas, colecionando histórias. Naquela obra falo das cidades, da música, das lutas políticas, do movimento operário, da situação social. Ou seja, ao longo do trajeto, ia fazendo anotações e depois escrevi o livro, que mistura minha jornada de trem com a história política e cultural daquele país.